

O PATRIARCADO NO SISTEMA CAPITALISTA E SEUS REFLEXOS NA VIDA DAS MUHERES

Rafaela Sofka Lino,
UNESPAR Apucarana.

Maria Inez Marques Barbosa,
UNESPAR Paranavaí/Apucarana/Campo Mourão

Introdução

Este resumo tem por objetivo apresentar um fragmento da pesquisa que vem sendo desenvolvida na iniciação científica, na condição de estudante do segundo ano do curso de Serviço Social da UNESPAR – Campus Apucarana. O objetivo geral da pesquisa para este resumo é contribuir para a compreensão da complexidade da sociedade e como a estrutura patriarcal se consolida no sistema econômico vigente e como esse atinge as mulheres e as marginaliza.

O texto apresenta o conceito de patriarcado como sistema que prioriza o masculino em detrimento do feminino. Aliado à exploração capitalista, a dominação patriarcal promove desigualdade de gênero. Homens e mulheres têm funções diferentes. Mulheres se situam mais na esfera da reprodução e homens são culturalmente e socialmente ligados à esfera produtiva.

Materiais e métodos

Para a elaboração deste artigo, a pesquisa ocorreu de forma essencialmente bibliográfica. De acordo com Gil (2008), por pesquisa bibliográfica entende-se a leitura, a análise e a interpretação de material impresso. Para a realização das reflexões, foram utilizadas as dimensões de totalidade, dialética e historicidade, ou seja, o método escolhido foi o materialismo histórico-dialético, uma vez que esse visa ampliar as concepções dos fatores sociais de maneira abrangente sem desvincular a problemática estudada do contexto social. Para Gil (2008), a dialética

fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc. (Gil, 2008, p. 14).

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e
(im)pactos sociais”

Com esse direcionamento e estratégias utilizadas, tornou-se possível ter um resultado que contribuiu para compreensão das desigualdades existentes entre homens e mulheres.

Resultados e Discussão

De acordo com a pesquisa, foi possível compreender as desigualdades existentes entre os gêneros, masculino e feminino nas estatísticas salariais, ocupações no mercado de trabalho, entre outros. Há uma barreira histórica que causa isso, uma segregação de milênios.

Saffioti (2004) ressalta que o patriarcado, com a intrínseca cultura especial que gera sua estrutura de poder, inevitavelmente penetrou em todas as esferas da vida social e, assim, não corresponde, já de longa data, ao suporte material da economia de *oikos* (doméstica) (Saffioti, 2004, p. 126).

As relações patriarcais estão presentes em diferentes espaços, inclusive nas relações políticas que são estabelecidas no processo histórico. Tais relações envolvem o Estado e a sociedade em geral. Assim, Saffioti (2004) considera a influência do patriarcado e suas bases sólidas:

Por esse ângulo é possível considerar que a opressão do “homem pelo homem” em busca de trabalho (emprego) no sistema capitalista, coexiste com a opressão da mulher pelo homem. No contexto das desigualdades de gênero, as mulheres ficam com a responsabilidade do trabalho doméstico e de cuidadora da família.

Falar do mundo privado é falar da família. Desmascarar distorções ideológicas não é o mesmo que construir alternativas – ainda que haja mudanças na visão que celebra a maternidade, mas desmerece as mulheres, isso não significa que há um novo ideal de vida privada. A ideia de família serviu, portanto, como ferramenta política que afasta a mulher do espaço público – considerado pouco seguro para elas. A violência de gênero, por exemplo, gerada na intimidade amorosa, revela a existência do controle social sobre os corpos, a sexualidade e as mentes femininas, o que evidencia a inserção diferenciada de homens e mulheres na estrutura familiar e social, assim como a manutenção das estruturas de

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e
(im)pactos sociais”

poder e dominação disseminadas na ordem patriarcal (Santo-Sé, 2024, p. 2.)

De acordo com Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), a sociedade opera em uma maneira em que a desigualdade é estrutural, em sua construção sistêmica, sendo que o racismo e o machismo foram firmados para que seu estabelecimento fosse concretizado, utilizando essa desigualdade formada para lucro, já que essa concepção acomoda diferenças nos salários, empregos, estudos, coisas que primeiramente só eram aceitas e lucrativas para homens brancos, majoritariamente europeus. O estudo desse funcionamento da sociedade, que expressa desigualdades, permitiu verificar esse contexto, relacionando-o com o capitalismo, mas também com a compreensão da interseccionalidade no contexto do sistema patriarcal e como esse age em relação a vida de uma pessoa que não se enquadra nos padrões elitistas, como é o caso das mulheres negras e periféricas.

Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão. Enquanto seu homem é objeto da perseguição, repressão e violência policiais (para o cidadão negro brasileiro, desemprego é sinônimo de vadiagem; é assim que pensa e age a polícia brasileira), ela se volta para a prestação de serviços domésticos junto às famílias das classes média e alta da formação social brasileira. Enquanto empregada doméstica, ela sofre um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da “inferioridade” que lhe seriam peculiares. Tudo isso acrescido pelo problema da dupla jornada que ela, mais do que ninguém, tem de enfrentar. Antes de ir para o trabalho, tem que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimentação para os familiares, lavar, passar e distribuir as tarefas dos filhos mais velhos com os cuidados dos mais novos (as meninas, de um modo geral, encarregam-se da casa e do cuidado dos irmãos mais novos). (Gonzales, 2020, p. 50)

O sistema capitalista, aliado à dominação patriarcal, se utiliza dos marcadores sociais da diferença, principalmente de classe, gênero e raça, que

reforçam preconceitos. Sob esse prisma, há uma sobrecarga sobre quem mais trabalha: as mulheres na sua diversidade, e particularmente as mulheres negras, que atuam em dupla jornada, respondendo à produção, mas também e principalmente à reprodução no sistema capitalista, reforçando o paradigma do cuidado como sua responsabilidade, firmando assim a divisão sexual e racial do trabalho, existente na sociedade.

Considerações finais

Por fim, considera-se que o peso maior no cotidiano, recai sobre as mulheres, pois esse, advém da importância social que elas demonstram, quando exercem majoritariamente os papéis de reprodutoras sociais da força de trabalho como mães, tias, avós e cuidadoras das novas gerações. As mulheres são responsáveis por trabalhadores(as) que estão por vir, quando exercem seu papel, que foi construído pela sociedade no contexto do patriarcado e do capitalismo que as tornam reprodutoras do capital na sociedade.

É importante ressaltar, que a pesquisa na iniciação científica em desenvolvimento, que tem como objeto a interseccionalidade de classe, gênero e raça, vem sendo fundamental para compreender que o patriarcado e o capitalismo atuam por meio dos marcadores sociais da diferença, que geram desigualdades. Tais desigualdades afetam as mulheres e só podem ser compreendidas, à luz de pesquisas que aproximem o conhecimento da realidade. Esse é o nosso objetivo.

Referências

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo. Editora Atlas, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 375 p.

SAFFIOTTI. **Gênero, Patriarcado, Violência**. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2004.

SENTO-SÉ, Isadora Vianna. Patriarcado e interseccionalidade: o público eo privado como ponto de convergência teórica. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 24, p. e-44778, 2024.